

EDITORIAL

Estamos no termo do primeiro lustro do aparecimento desta Revista e, ao ao passar os olhos pela variedade de trabalhos aparecidos nos sete números já publicados, fica-se com a impressão de que ela está a caminhar bem na senda que, a si mesma, no começo, se delineou: por um lado, a valorização das línguas castelhana e portuguesa, como meios de intercâmbio científico, e, por outro, a apresentação, discussão e aprofundamento da multiplicidade de problemas ligados ao diagnóstico e à avaliação psicológicos. Se tivermos presente a possibilidade, sempre iminente, de esta empresa se dimensionar de facto segundo a vasta realidade populacional, geográfica e de comunidade de nações que contempla o termo *ibero-americano*, a perspectiva do nosso esforço e trabalho, dos nossos escritos e reflexões, com a vasta repercussão que terão, com as numerosas trocas que suscitarão, com a mutualidade de conhecimentos que gerarão, assume um valor que ultrapassa largamente o da tarefa de cada qual.

A presença de trabalhos de autores portugueses, com excepção do primeiro número, tem sido assídua e, ainda que em quantidade moderada, deixam entrever a multiplicidade dos temas e campos dominantes da avaliação psicológica em Portugal. Deve dizer-se que, neste país, a Psicologia só veio a constituir licenciatura universitária, no início da década de oitenta. Acontece que, na década em que se criaram os primeiros Cursos Superiores de Psicologia, no ano seguinte à Revolução dos Cravos, de Abril de 74, o diagnóstico e a avaliação psicológicos estavam em crise, além de que a ideologia dominante os olhava com maus olhos. Penso que estes e outros factores mais circunstanciais contribuíram para que o reconhecimento, valorização, estudo, investigação e prática da avaliação tardassem um pouco a se estabelecerem e vingarem como campos de importância primordial em Psicologia. Hoje, já se podem indicar vários nomes de estudiosos que contribuíram de forma decisiva e incentivadora para a implantação e desenvolvimento da avaliação e do diagnóstico em Portugal. O facto de este desenvolvimento ter-se dado em outra época e contexto, será responsável pelo facto de não ter seguido um caminho paralelo dos seguidos em outros países. Basta compulsar os volumes de trabalhos apresentados nas sucessivas Conferências Internacionais de Avaliação Psicológica, que a APPORT tem realizado anualmente desde 1993, os números das diversas revistas de Psicologia, a que devem adicionar-se algumas teses de doutoramento, para nos darmos conta, não tanto da importância e interesse da avaliação já efectivados, mas da variedade dos campos em que se exerce: educação, saúde, forense, trabalho e outros menos destacados.

Vale a pena salientar a necessidade que, em determinada altura, se fez sentir, no que respeita à existência de instrumentos adaptados para a população portuguesa. A resposta dada, nos anos mais recentes, a este problema ingente tem sido notável. Intimamente ligada a esta actividade de preparação de instrumentos, surge uma iniciativa igualmente importante que é a de

aperfeiçoar, alargar e aprofundar os conhecimentos relacionados com a metodologia e teoria da medida que estão na base da tradução, adaptação e/ou construção de testes.

De todo este esforço e movimento incentivadores, surgirão não apenas mais mas também melhores frutos da avaliação e do diagnóstico psicológicos em Portugal.

DANILO R. SILVA
Editor